

## Gênero, agricultura urbana e política – um testemunho

**Shingirayi Mushamba** - [smushamba@mdpafrica.org.zw](mailto:smushamba@mdpafrica.org.zw)

Foto: Alice Hovorka

Em 1997 eu estava trabalhando como planejador municipal na cidade de Marondera, no Zimbábue. Uma manhã, fui chamado de repente ao gabinete do Prefeito. Quando lá cheguei, não pude encontrar uma cadeira para sentar, pois a sala estava lotada de mulheres, e tive de ficar de pé escutando as instruções do Prefeito. Ele me disse que, por causa de uma apresentação sobre



agricultura em áreas urbanas que eu havia feito à Câmara dos Vereadores, e por causa de meu trabalho profissional como planejador urbano, ele tinha uma tarefa urgente para mim. Ele então me apresentou às mulheres na sala. Elas eram integrantes da Liga de Mulheres de ZANU PF e tinham solicitado ao Prefeito que reservasse algumas áreas livres da cidade onde elas pudessem cultivar milho, sua principal fonte de amido, e outros alimentos.

Para mim, esse era um grupo diferente de demandantes, diferente daqueles com que eu estava acostumado a negociar. Como planejador, eu freqüentemente estava reunido com empresários de transportes, incorporadores imobiliários, engenheiros civis e empresários em busca de terras para desenvolver. Agora, eu estava tratando com um grupo de mulheres organizado politicamente que requisitava terra para praticar a agricultura dentro da cidade!

Em meu escritório, eu recolhi um mapa da cidade, e junto com um outro técnico de planejamento fomos circular por Marondera para identificar áreas nos subúrbios que pudessem ser indicadas para uso agrícola. Na época ainda não chamávamos essa atividade de *agricultura urbana*, mas apenas de agricultura, ou produção agrícola. Em poucos dias a nossa pesquisa estava terminada, e nós apresentamos nosso relatório ao Prefeito. O relatório mostrava várias áreas assinaladas no mapa, indicando o número (provisório) de lotes que podiam ser implantados em cada uma delas, com seus tamanhos em metros quadrados.

O prefeito foi reeleito para um segundo mandato de quatro anos, em 2000. No final desse segundo mandato, em novembro de 2003, eu convidei o Prefeito para visitar o meu novo escritório, para o qual eu havia me mudado em 1999. Eu o convidei para lhe agradecer e desejar boa-sorte, pois havíamos trabalhado juntos muito bem. Ele me contou que quando me pediu para eu procurar terras para as mulheres cultivarem, estava agindo só “pro-forma”, por motivos políticos. Ele não tinha idéia de que iria alcançar uma população muito maior, ao

disponibilizar algumas terras para aquele grupo de mulheres plantar. Nem imaginava que aquelas mulheres iriam ter grande importância em sua reeleição. Só depois, ele disse, percebeu que a agricultura urbana era uma parte importante da economia da cidade, e que trabalhando com as mulheres ele tinha capacitado as famílias a alimentarem a si mesmas.

Para mim, a instrução para encontrar terras para disponibilizar para o grupo de mulheres foi o começo de meu interesse na relação entre gênero e agricultura. Quando eu viajei para Dar es Salaam, Tanzânia, em 2000, visitei os locais cultivados pelo projeto de promoção de hortas urbanas. Lá eu vi jovens homens e mulheres usando regadores para irrigar umas hortaliças que eles chamam de "mchicha". De volta ao Zimbábue, eu investiguei a distribuição de papéis e responsabilidades na agricultura urbana e percebi que a maioria dos lotes era cuidada por mulheres mais velhas. Os homens se envolvem mais na hora de revolver o solo e de carregar a produção em carrinhos para vender. As mulheres fazem a maior parte do plantio, capina, adubação, irrigação, colheita e venda nos mercados.

A partir de 2001, eu comecei a trabalhar com grupos de agricultura urbana como o projeto Musikavanhu, em Harare e percebi que mais de 90% dos participantes dos grupos de agricultura urbana no Zimbábue eram mulheres.

Olhando de volta para aquela cena no gabinete do Prefeito, eu compreendi que as mulheres usaram sua presença numérica para negociar com ele, e foram ouvidas. Elas também usaram sua influência como integrantes da Liga de Mulheres de ZANU PF em sua vantagem, aumentando suas chances de acesso a recursos e apoio públicos.

Na verdade, a agricultura urbana é um setor no qual as mulheres predominam, e, no meu ponto de vista, ela lhes fornece uma oportunidade importante para fortalecer sua presença na família e na comunidade.

---

[Sumario Revista No.12](#)